

OPINIÃO

O escultor de Guimarães

António de Azevedo foi um notável escultor que marca a paisagem citadina da nossa cidade como nenhum outro. São dele as delicadas esculturas do jardim da Almeida com o Fauno (1934) e a Rapariguinha que a ele se junta 8 anos mais tarde, permanecendo juntos desde então naquele espaço, continuando a dar um toque de beleza e harmonia ao jardim recentemente renovado. É dele o busto a Martins Sarmento, e todo o enquadramento em granito, no Largo do Carmo (1934) ao lado da casa do arqueólogo. É dele o monumento e o alto-relevo de Alberto Sampaio no Largo dos Laranjais (1956) e a estrutura em que assenta o medalhão de António Teixeira Lopes à memória do Gravador Molarinho na Feira do Pão (1935), bem como o medalhão a Torres Carneiro que encima a escadaria da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães. É dele ainda, em espaço público, o busto de Luís de Pina na Penha ou de Francisco Inácio da Cunha Guimarães em Pevidém. De modo particular as principais figuras de cidade nos anos 30, 40, 50 e 60 são esculpidas pelas mãos e sensibilidade do artista.

As esculturas de António Azevedo em Guimarães fazem mais do que marcar a nossa cidade, caracterizam-na e unem no olhar todas as gerações que conviveram e convivem com a sua obra plástica.

O escultor é natural de Vila Nova de Gaia, adotando o Modernismo como escola, depois de ter vivido em Paris (1911-1914), uma cidade especial, sedenta de modernidade a que uma elite artística deu corpo.

A vinda do artista para Guimarães deve-se ao facto de, em 1931, ter sido convidado para ser professor e dirigir a Escola Industrial e Comercial de Guimarães, hoje Escola Francisco de Holanda. António Azevedo foi seu diretor durante os 27 anos seguintes ajudando a construir a reputação da Escola e a sua importância na vida económica e social de Guimarães.

"Com um grande domínio da técnica da modelagem António de Azevedo vai criar esculturas com a visão do seu tempo, numa procura de novas texturas, no uso da proporção e do rigor anatómico. Seguidor do seu mestre, António Teixeira Lopes, cuja obra é vinculada pelo naturalismo e pelo realismo, as obras de António de Azevedo vão ter uma marca de modernidade, eliminando a exuberância, mas tendo sempre em conta critérios de bom senso e de bom gosto. A sua obra vai-se assim impor pelo equilíbrio, pela harmonia, pela unidade".

Rosa Maria Saavedra. António de Azevedo e Guimarães: vida e obra. 2012.

Durante todos estes anos Azevedo não é apenas mais um, e desde cedo participa em Comissões independentes (não remuneradas) que marcam a vida cultural e estética da cidade. Pelas

comissões que o escultor integrou passaram algumas decisões em momentos marcantes da cidade – tão importantes como o ano que agora acaba com Guimarães como Capital

Europeia da Cultura – como o foram as Festas Centenárias de 1940 ou as Festas Milenárias de 1953.

A importância deste homem na vida da cidade e da sua paisagem urbana será contudo pouco conhecida, pelo menos em termos de identificar as obras com o autor, apesar de a sua obra ser facilmente reconhecida pelo olhar de quem aqui vive, ou mesmo de quem nos visita.

Por isso, no âmbito do programa constelações (CEC 2012) a Muralha, associação de Guimarães para a defesa do património, o Cineclube de Guimarães e a Assembleia de Guimarães, decidiram pegar na obra do escultor, estudá-la e divulgá-la. Aliás, uma das instituições, a Assembleia de Guimarães é quem promove, a 26 de Junho de 1965, uma homenagem pública a António de

Azevedo: a mais importante que em vida do escultor se lhe fez.

Assim a iniciativa promovida pelas três associações referidas - uma boa tróica - pretende constituir-se como um novo olhar sobre a obra de António Azevedo, um olhar atento e admirado, que por agora se atém à publicação de um livro, um belo livro digase, escrito com carinho e rigor pela historiadora Rosa Maria Saavedra e olhado pela câmara fotográfica e sensibilidade artística de outro vimaranense, José Pastor, que interpreta em fotografia a obra do escultor, da qual se fará uma exposição.

O livro será apresentado de sábado a oito dias (dia 22 de Dezembro) no magnífico espaço da Assembleia de Guimarães, pelas 17h30min.

A entrada é livre e o preço de lançamento do livro será especial para o primeiro dia da sua apresentação. O livro é para quem se interessa por Guimarães e pela sua história e poderá constituir-se como um belo e oportuno presente.

António Azevedo, a sua mestria e sensibilidade, merecem o novo olhar que agora se estende pela sua magnífica obra.

CONVERSAS de RUA

Pedro Cunha

Vai comprar prendas de Natal?



Teresa Macedo,
48 anos, desemp.

Já fiz todas as compras, só para os meus dois filhos e para a minha mãe e os chocolateiros do costume para os meus sobrinhos. Fui fazendo-as nos últimos tempos para aliviar a minha cabeça e o stress e para ter tudo mais ao menos assegurado. A crise que atravessamos leva-nos a ser mais comedidos, mas como também já só dou praticamente aos filhos não tenho muito por onde cortar. Corto noutras coisas menos importantes, para dar alguma lembrança à família mais chegada neste dia especial.



Beatriz da Luz,
60 anos, reformada

Vou comprar para as minhas duas netas e para os meus dois filhos, apenas. Já há anos que só lhes dou a eles. A mim, o Natal não me puxa muito a 'carroça'. Não tenho por hábito gastar muito dinheiro. Juntamos a família, que é o mais importante desta época, dá-se uma lembrança e mais nada. Se tiver que dar prendas, dou durante todo o ano, não espero pelo Natal.

A crise não me afectou muito, vai ser mais ao menos a mesma coisa dos anos anteriores.



Torcato Sousa,
55 anos, desemp.

Normalmente, nunca faço grandes compras no Natal. Como ainda não tenho netos compro apenas algumas prendaças para os filhos. É tudo dentro do habitual, porque não gosto de gastar muito dinheiro e este ano não vai fugir à regra. Até porque estou desempregado desde 2005 e, por isso, também não o posso fazer. Farei, como é óbvio, as compras para ter o básico à mesa, para que o essencial não falte.



Teresa Ribeiro,
55 anos, desemp.

Vou fazer compras, mas em menor quantidade. Vai ser só mesmo para os filhos e para o neto. Costumava dar a mais algumas pessoas, mas já não pode ser assim. Já cortei de há uns anos para cá. Antigamente dava aos sobrinhos e a mais alguém. Agora cortei. Dão-se algumas prendas melhores, mas só aos de casa e mesmo assim... Como não tenho muita paciência nem imaginação para andar nas compras prefiro dar dinheiro. Para a mesa não falta nada, já comecei a comprar algumas coisas, o resto fica para mais tarde.



Alice Peixoto,
63 anos, desemp.

Só dou dinheiro a uma neta. De resto, nunca dou nada a ninguém, nem às minhas filhas. Prefiro dar-lhe uma nota porque assim ela compra o que gosta. Há uns anos comprava prendas também para a restante família, mas agora não dá. Não há dinheiro para se gastar nessas coisas. Se me saísse o Euromilhões, dava com todo o gosto, assim olhe, paciência... Ninguém se queixa lá em casa. O que todos querem é ter a família reunida, comida na mesa e saúde.